



28(1):21-29
jan/jul 2003

DOMINAÇÃO SOCIAL, DOMINAÇÃO ESCOLAR

Monique de Saint Martin

RESUMO – *Dominação social, dominação escolar.* Neste ensaio, a autora reflete sobre o período de trinta anos em que trabalhou no Centro de Sociologia Européia e, depois, no Centro de Sociologia da Educação e da Cultura (CSEC) ao lado de Bourdieu, sobre as pesquisas então realizadas nesse centro e sobre a experiência de trabalho com o célebre sociólogo francês. Ela lembra o importante papel exercido pelo Centro no estímulo à pesquisa em Ciências Sociais e o momento em que se desligou da instituição, nos anos 90, em razão de um certo controle exercido pelo diretor sobre as idéias dos pesquisadores e doutorandos. O texto focaliza, em particular, uma das mais importantes pesquisas coletivas realizadas pelo centro sobre as Grandes Écoles na França, apontando para suas contribuições mas também para os limites dos resultados. Ao fazê-lo, a autora se remete à própria concepção do funcionamento social e da instituição escolar que celebrou mundialmente a obra de Pierre Bourdieu.

Palavras-chave: *formas de dominação, pesquisa, instituição escolar, sociologia, Grandes Écoles.*

ABSTRACT – *Social domination, school domination.* In this essay, the author reflects on the thirty-year period she worked in the Centre de Sociologie Européene (Center for European Sociology) and Centre de Sociologie de l'Éducation et de la Culture (Center for the Sociology of Education and Culture) with Bourdieu, on the research conducted by these centers on those years, and on her experience working with the famous French sociologist. She points out the important role of the center in stimulating Social Sciences research and narrates the moment, in the 1990's, when she quit working in the center because of a certain degree of control exercised by its director on the scholarship of the researchers and PhD candidates. The text focuses on, in particular, one of the most important collective research conducted by the center on the Grandes Écoles in France, pointing out its contributions but also the limitations of its results. By doing this, the author alludes to the concept of social functioning and school institution, which has made Bourdieu globally well-known.

Keywords: *domination forms, research, school institution, sociology, Grandes Écoles.*

Trabalhar com Bourdieu representou uma grande oportunidade e, mais ainda, um impulso científico excepcional. Aprendi e pratiquei com Bourdieu, Passeron, Boltanski, Yvette Delsaut e com muitos outros mais o que Bourdieu, Passeron e Chamboredon chamaram de “o ofício de sociólogo”.

Este ofício, tal como era exercido no Centro de Sociologia Européia (CSE), depois no Centro de Sociologia da Educação e da Cultura (CSEC), abria um grande espaço para a construção do objeto e para a prática da pesquisa; compreendia as diferentes operações da pesquisa, incluindo as operações mais práticas, entre as quais a preparação de um roteiro de entrevista ou de um questionário, a realização de uma entrevista, a observação das situações, a aplicação de um questionário, a elaboração de um plano de codificação dos dados coletados, a codificação dos dados, a construção, a leitura e a análise dos quadros estatísticos, dos diagramas e dos gráficos. Este ofício transformou-se no decorrer dos anos; dessa forma, para citar apenas um exemplo, o que nós chamávamos, nos anos 70, as “*bertinades*”¹ – encaixe de longas varetas e de pequenos cubos pretos e brancos, que permitiam elaborar diagramas, que nos haviam sido recomendados pelo Laboratório de Cartografia da EHESS (Escola de Altos estudos em Ciências Sociais), então dirigido por Jacques Bertin² e que foi utilizado para a análise dos julgamentos dos professores sobre os alunos de Khâgne (classe preparatória para a Escola Normal Superior de Letras), como também para o estudo da posição ocupada pelos professores do Instituto de Estudos Políticos – foi cedendo espaço, pouco a pouco, às análises estatísticas de correspondências, que se tornaram um método de análise emblemático. Cada um dos pesquisadores e dos iniciantes de pesquisa não conhecia necessariamente todos os componentes do ofício, mas sabia a quem recorrer para preencher uma lacuna ou resolver um enigma³. A força das análises propostas repousava, por uma parte, sobre a complementaridade; por vezes, sobre a irredutibilidade dos olhares e das questões colocadas. O Centro de Sociologia Européia (CSE) depois o Centro de Sociologia da Educação e da Cultura (CSEC) constituíram, sem dúvida nenhuma, durante os anos 60, 70, 80, lugares entre os mais estimulantes para a pesquisa em Ciências Sociais, centros de pesquisa entre os mais formadores, os mais inovadores e os mais produtivos.

Chegou um momento, nos anos 90, em que decidi deixar de trabalhar diretamente com Bourdieu, de colaborar nas pesquisas que ele coordenava, de discutir com ele, de interrogá-lo a propósito de minhas próprias pesquisas. Talvez, em parte, porque a forma de dominação e de controle que ele exercia, voluntária ou involuntariamente, sobre os pesquisadores e doutorandos que trabalhavam com ele, tornara-se excessiva, talvez também porque tornava-se cada vez mais difícil expressar nas equipes de pesquisa por ele coordenadas – e na revista *Actes de la Recherche en Sciences Sociales* – uma forma diferenciada em relação aos modelos que ele tendia a impor.

Se a distância que nos separa tornou-se grande, se os pontos de desacordo tornaram-se numerosos⁴, isso não significou que eu tenha deixado de trabalhar

com seus escritos, com suas análises e com sua concepção da sociologia e do ofício de sociólogo, de interrogá-los, de discuti-los, e também de colocá-los à prova.

Durante trinta anos de trabalho e de pesquisa com Bourdieu, analisamos freqüentemente a imposição e a manutenção da dominação, assim como diferentes modos ou formas de dominação (sem necessariamente recorrer a essas expressões)⁵. A classe dominante ou mais raramente as classes dominantes, o campo da classe dominante, as lutas entre as diferentes frações da classe dominante, como também entre dominantes e dominados, a cultura dominante, a escola como fundamento da dominação e a divisão do trabalho de dominação, eram alguns dos conceitos e dos esquemas de análise aplicados nas pesquisas sobre o gosto nos diferentes classes sociais, sobre os estudantes das universidades, sobre a crise de maio de 1968, sobre as Grandes Escolas⁶, sobre as aulas preparatórias para as Grandes Escolas, sobre os laureados do Concurso Geral, sobre o patronato ou sobre o episcopado, para citar somente algumas dessas pesquisas⁷.

A dominação social

A dominação exercida por uma classe, a classe dominante, ou por um grupo, por exemplo, a oligarquia financeira de Estado, que Bourdieu chamará mais tarde de “*noblesse d’état*”, estava no centro das pesquisas sobre as Grandes Escolas ou sobre o patronato (Bourdieu e de Saint Martin, 1978), muito mais, aliás, que as reações de submissão, de resistência ou de rejeição dessa dominação, o que não quer dizer que Bourdieu as ignorasse ou não se interessasse por elas. As oposições mais fundamentais da ordem social eram, segundo Bourdieu (1979), “aquela que, inscrita na divisão do trabalho, se estabelece entre dominantes e dominados, e aquela que, fundada na divisão do trabalho de dominação, opõe, no seio da classe dominante, dois princípios de dominação, dois poderes, dominante e dominado, temporal e espiritual, material e intelectual, etc”, num pólo os empresários da indústria e do comércio, no outro pólo, os professores e os intelectuais. E o pesquisador devia, segundo Bourdieu, primeiramente revelar a dominação e as formas menos visíveis dessa dominação, demasiadamente ocultas pelo senso comum. “Não se pode contar com os patrões, os bispos ou jornalistas para que louvem a cientificidade ou divulguem os resultados de trabalhos que revelam os fundamentos ocultos de sua dominação” (Bourdieu, 1980, p. 7).

Buscando revelar e compreender os fundamentos e a influência da dominação exercida pela oligarquia financeira de Estado, que expressava a interpenetração cada vez mais forte e visível do setor público e do setor privado, a pesquisa realizada nos anos 70 mostrou que esta oligarquia reunia princípios de legitimação freqüentemente dispersos (seja notadamente o pertencimento a

uma família muitas vezes da antiga burguesia, o sucesso escolar nos melhores estabelecimentos, o êxito econômico e a inserção nas redes econômico-administrativas e financeiras) e tendia a impor sua dominação ao mesmo tempo nas maiores empresas, nos bancos, como também na alta administração e nas diferentes esferas do Estado, sem esquecer das próprias Grandes Escolas. O que separava então a retaguarda mais atrasada do grande patronato da vanguarda mais avançada era sobretudo a intenção e a arte de mascarar a imposição da dominação, mas uma e outra participavam no trabalho de manutenção da dominação. Essa dominação somente podia ser mantida porque se fazia reconhecer, fazendo desconhecer o arbitrário que estava em seu fundamento. Aparecia claramente, na pesquisa, que o patronato dos anos 60 e 70 não era tão meritocrático quanto pretendia e se queria crer, e que a dominação exercida por esse “agrupamento de dominação”, para retomar a expressão de Weber, era decisiva.

Mas a dominação não é apenas uma dominação de classe ou de grupo. É também uma dominação masculina eludida em *La Noblesse d'État*, como assinala, em sua contribuição, Rose Marie Lagrave. A diferença maior, a que separa homens e mulheres nas grandes escolas, está, com efeito, praticamente omitida nesta obra, ou evocada apenas furtivamente⁸. A diferença segundo os sexos, levada em conta nas primeiras análises de correspondências sobre os alunos das Grandes Escolas, tinha um peso tão forte que praticamente esmagava as oposições segundo a origem social e o capital escolar, e foi julgado então preferível não desenvolvê-la nas análises de correspondências. Dever-se-ia no entanto negligenciá-la? No momento da pesquisa, no final dos anos 60, as meninas quase não tinham acesso à maioria das Grandes Escolas, com exceção das Escolas Normais Superiores onde a separação dos sexos era a regra (exceto na Escola Normal Superior do Ensino Técnico), e isso merecia análise e reflexão. Não teria sido necessário questionar-se sobre o que significava a seleção, a produção e a reprodução de uma elite escolar quase exclusivamente do sexo masculino?

A dominação escolar

No fundamento da dominação, e, de forma particularmente clara na sociedade francesa, encontra-se a escola que contribui para a reprodução desta dominação. A escola transforma, com efeito, aqueles que herdaram daqueles que merecem, e dá uma garantia irrecusável, em razão de sua aparente neutralidade social, à reprodução das relações sociais de dominação. Devia-se, lembrava com frequência Bourdieu, efetuar uma difícil ruptura e se resignar à perda do que ele chamava “o mito da escola liberadora”, para perceber a instituição escolar na verdade de seus usos sociais, em outra palavras, como um dos fundamentos da dominação e da legitimação da dominação (Bourdieu, 1989, p. 14). Seria preciso condenar antecipadamente as tentativas de recorrer à escola como instrumento

de aprendizagem da autonomia, da liberação de certas formas de dominação? A escola não pode às vezes e sob certas condições não ser somente um instrumento da dominação?

Entre essas instituições escolares, as Grandes Escolas – objeto de uma importante pesquisa coletiva que mobilizou durante vários anos mais de quinze pesquisadores e iniciantes de pesquisa – realizam de maneira particularmente marcante um trabalho de imposição ou de dominação simbólica, pelo qual procuram principalmente fazer reconhecer como legítima a separação entre os eleitos dessas instituições de elite e os excluídos, não admitidos no concurso. O aprovado em último lugar numa Grande Escola fica, pela força do concurso, isto é, pelo arbitrário de uma fronteira social, definitivamente separado do primeiro reprovado, que pode ficar marcado por esta derrota e em suas relações por toda sua vida. Além do concurso, são os julgamentos produzidos pela aplicação das categorias do juízo professoral aos alunos ou a seus pares, inclusive nos registros necrológicos, que participam nesse trabalho de dominação (Bourdieu e De Saint Martin, 1975, p. 78-93).

O sistema das Grandes Escolas permite a manutenção da ordem simbólica e social. É o caso da oposição, sem dúvida forçada no artigo *de Actes de la Recherche en Sciences Sociales* (Bourdieu e de Saint Martin, 1987, p. 2-50) e em *Noblesse d'état* (Bourdieu, 1989), entre politécnicos e técnicos ou mais geralmente entre a “grande porta” – a que dá acesso às Grandes Escolas (ENA, ENS, Polytechnique, HEC⁹), que recebem uma parte preponderante de alunos provenientes da classe dominante, preparando-os para as carreiras de maior prestígio na alta administração, na indústria, no setor bancário, na pesquisa – e a “pequena porta” – ,que conduz às Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, às Faculdades de Tecnologia e de Administração, que contam com uma parte importante de alunos provenientes das classes médias e populares, preparando-os freqüentemente para os postos de execução, de tecnólogos, de quadros de nível médio, de professores do ensino fundamental e médio. Pesquisas posteriores, em particular os trabalhos de André Grelon, mostrarão que o sistema das instituições de ensino superior (Grandes Escolas ou não) é mais complexo e mais diversificado do que permite supor a interpretação dos quadros e das análises de correspondências proposta em *La Noblesse d'état*, que as fronteiras não são tão demarcadas e que passarelas existem e funcionam. Não seria menos necessário fazer aparecer as principais divisões entre as diferentes instituições de ensino superior, ao mesmo tempo que as lutas ou as batalhas entre alunos de Grandes Escolas, por exemplo, entre ex-alunos da Escola Politécnica, membros da corporação de engenheiros civis ou de minas, e ex-alunos da ENA (Escola Nacional de Administração) não apenas em torno de disputas econômicas e políticas importantes (obtenção e controle dos postos e das posições de poder) mas também em torno de disputas simbólicas (imposição do princípio de dominação dominante, hierarquia das competências legítimas¹⁰). Assim, a Escola

Nacional de Administração e os ex-alunos desta escola tentaram impor sua dominação sobre o conjunto do campo das Grandes Escolas, em detrimento especialmente da Escola Normal Superior, confinada à formação de futuros professores e pesquisadores, e da Escola Politécnica, relegada à formação de engenheiros. Dominação esta, aliás, colocada em questão. O capital cultural, as práticas de distinção, o reconhecimento oficial e as diferenças socialmente estabelecidas instituem rupturas na estrutura econômica ao estabelecer limites às posições ditas dominantes.

As Grandes Escolas reforçam freqüentemente a disposição dos alunos – formados conforme as expectativas da instituição – em ocupar as posições dominantes na sociedade, mediante uma ação de consagração. A consagração simbólica exerce efeitos reais; as práticas de distinção que esta consagração impõe – ao obter dos alunos admitidos nas escolas imensos investimentos escolares, afetivos, econômicos – reforçam continuamente as diferenças entre alunos de diferentes escolas, mas, também, entre alunos de uma mesma escola. O sistema não funcionava entretanto como um mecanismo perfeito. Havia, com efeito, os “desviados” e os “extraviados” nas Grandes Escolas, os que não se encontravam na grande escola onde os sociólogos os esperavam, mas numa outra grande escola – por exemplo, os filhos de professores, extraviados na Escola de Altos Estudos Comerciais ou os filhos de banqueiros ou de empresários da indústria e do comércio, desviados para a Escola Normal Superior –, adotando comportamentos ou práticas não conformes às práticas em vigor na sua escola ou no seu grupo de origem. Porém, os excluídos, ou melhor, os não admitidos não eram sequer levados em conta nas análises.

A dominação escolar quase não era abalada nas Grandes Escolas, na forma como elas são apresentadas e analisadas em *La noblesse d'état*. No entanto, poderia ser que ela já o tivesse sido ainda nos anos da pesquisa, mas sobretudo posteriormente, não apenas pelos escassos contestadores, muito raros, ao final das contas, mas também e sobretudo pelos processos de internacionalização crescente das instituições de ensino superior e de formação das elites, bem como pela maior dependência em relação ao mercado, processos muito pouco levados em conta nesta obra. Entretanto, a passagem pelas Grandes Escolas, depois pelas grandes corporações, nem sempre é suficiente para assegurar a legitimação de uma posição dominante, mesmo para um jovem proveniente da antiga burguesia. É cada vez mais freqüente que sua formação seja completada por estudos e temporadas no estrangeiro, em particular nos Estados Unidos. “A dominação passa de agora em diante pelo domínio do espaço econômico e financeiro europeu e internacional”, sublinha Anne-Catherine Wagner (2003, p. 33-39) que analisa as transformações da antiga e nova burguesia frente à mundialização.

Como pensar a articulação de diferentes princípios e formas de dominação (de classe, de gênero, simbólica, econômica, internacional), evocadas muito rapidamente nesta contribuição? A questão permanecerá aberta. Esta ou estas dominações não encontram somente obediência, reconhecimento e submissão. Deve-se então levar em conta não apenas as estratégias de subversão mas também a resistência, a contestação e seus efeitos sobre a ou as dominações.

Bourdieu, sobretudo nos últimos anos, parece ter se decidido por uma consideração mais ampla das possibilidades de contestação social. Com efeito, não me parece possível omitir o fato de que um sentimento profundo de rebelião ou de revolta contra a ordem universitária animava Bourdieu, assim como contra as desigualdades, as injustiças, o neoliberalismo, a dominação econômica e simbólica, que ele com frequência atacava, tendo aliás muitas vezes boas razões para fazê-lo. “A mais elementar sociologia da sociologia atesta que as maiores contribuições à ciência social são obras de homens que não estavam como peixes n’água no mundo social tal como ele é” (Bourdieu, 1983, p. 61-62). Bourdieu, que ao escrever isso pensava sem dúvida um pouco em si mesmo, não era seguramente como um peixe n’água no mundo social, tampouco na Assembléia dos docentes da Escola dos Altos Estudos em Ciências Sociais. Isso dava-lhe forças para aguçar seu olhar sociológico, que era um olhar engajado. “Restituir aos homens o sentido de seus atos”, aprender a se conhecer, a situar-se, refletir sobre sua posição, eram algumas das fortes exigências de Bourdieu. O conhecimento dos determinismos pode, lembrava ele frequentemente, ajudar na liberdade e na ação, e a sociologia pode assim ser um instrumento de libertação, “mas ela conduz muito pouco à ilusão” para que “o sociólogo possa imaginar-se um só instante no papel do herói libertador (Bourdieu, 1984, p. 16).

Notas

1. N. do T. – É impossível traduzir o termo “bertinades”, já que se trata de uma alusão direta ao nome de Jacques Bertin.
2. Jaques Bertin, *Sémiologie graphique, les diagrammes, les réseaux, les cartes*, Paris, Lahaye, Mouton, Gauthier-Villars, 1967.
3. Gostaria de destacar o importante papel desempenhado, por um lado, por Salah Bouhedja, quanto ao tratamento e a análise estatística de numerosas pesquisas, e, por outro lado, por Claire Givry que, durante vários anos, realizou, com muita presença e inteligência profunda, entrevistas e observações, especialmente para as investigações sobre o gosto, sobre o epis copado, ou sobre a moradia individual.
4. Especialmente a partir da publicação de *La Noblesse d'état*, em 1989.
5. De modo bastante surpreendente, o conceito de dominação é pouco presente nos índices analíticos das obras de Pierre Bourdieu (está inclusive ausente de *La Noblesse d'état* ou de *Homo Academicus*) e, quando está presente, por exemplo em *La*

- reproduction*, remete apenas a um pequeno número de citações ou de passagens. É, entretanto, um pouco mais presente em *La Distinction* e mais ainda em *Le sens pratique*.
6. N. de T. Na França, as “Grandes Escolas” constituem o segmento mais elitizado do ensino superior e não pertencem ao sistema das universidades. Dentre elas destacam-se a École Nationale d’Administration, a École Polytechnique, a École Normale Supérieure, a École des Hautes Études Commerciales, o Institut d’Études Politiques, a École Nationale Supérieure des Ponts et Chaussées, entre outras..
 7. Em compensação, certos termos, por exemplo, “elites”, eram de fato reprovados.
 8. A questão da diferença segundo os sexos é abordada rapidamente e de forma secundária, a respeito dos laureados do Concurso Geral e dos alunos dos cursos preparatórios às Grandes Escolas, mostrando que, nos dois casos, as meninas devem apoiar-se mais do que os meninos, em vantagens compensatórias para passar nos concursos, ou a propósito dos alunos da Escola Normal Superior de Sèvres que, na escolha dos palestrantes a serem convidados a sua escola, conformam-se à “divisão do trabalho entre os sexos que outorga aos homens a política e às mulheres a estética e em particular a literatura.”
 9. Respectivamente École Nationale d’Administration, École Normale Supérieure, École Polytechnique, École des Hautes Études Commerciales.
 10. É, com efeito, a dominação simbólica e a dimensão simbólica das outras formas de dominação que, me parece, interessavam mais a Bourdieu. “A dominação, mesmo quando se apóia sobre a forma nua, a das armas ou a do dinheiro, tem sempre uma dimensão simbólica, e os atos de submissão, de obediência são atos de conhecimento e de reconhecimento” (P. Bourdieu, *Méditations pascaliennes*, Paris, Editions du Seuil, 1997, p. 206). Bourdieu atribuía uma grande importância à violência simbólica e à dimensão simbólica nas relações de dominação.

Referências Bibliográficas

- BOURDIEU, Pierre; DE SAINT MARTIN, Monique. “Le patronat”, *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 21, 1978.
- BOURDIEU, Pierre, *Homme Academicus*, Paris: Minuit, 1984, p. 16.
- BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero Limitada, 1983a, p. 7.
- BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero Limitada, 1983b, p. 61-62.
- BOURDIEU, Pierre. *La distinction*, Paris: Minuit, 1979.
- BOURDIEU, Pierre, *La Noblesse d’état*, Paris: Minuit, 1989, p. 14.
- BOURDIEU, Pierre; DE SAINT MARTIN, Monique, “As categorias do juízo professoral”. In: P. BOURDIEU, *Escritos de Educação*. Petrópolis: Vozes, 2003, p.185-216.
- BOURDIEU, Pierre, DE SAINT MARTIN, Monique, “Agrégation et ségrégation. Le champ des grandes écoles et le champ du pouvoir” *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 69, septembre 1987, p. 2-50.

WAGNER, Anne-Catherine. "La bourgeoisie face à la mondialisation", *Mouvements*, 26, mars-avril 2003, p. 33-39.

Tradução de Tânia Cardoso de Cardoso, do original em francês (com agradecimento a Maria Alice Nogueira pela revisão).

Monique de Saint Martin é socióloga e professora da École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS) de Paris. Foi, durante muitos anos, membro do Centre de Sociologie de l'Éducation et de la Culture (CSEC), dirigido por Pierre Bourdieu, onde realizou pesquisas e publicou diversos trabalhos, vários deles em co-autoria com o diretor do centro.

Endereço para correspondência:

E-mail: smartin@ehess.fr